



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

EDITORIAL

«O MILITANTE» inicia com o presente número uma nova fase da sua publicação.

Como educador político e como organizador, «O MILITANTE» tem contribuído decisivamente para o melhoramento da acção política e dos conhecimentos teóricos de todo o Partido. A acção de «O MILITANTE» está estreitamente ligada à vida, aos problemas e à luta da classe operária, do povo português e do Partido.

Pode-se dizer que lá onde os membros e organismos do nosso Partido souberam estudar, compreender e aplicar correctamente no seu campo de actividade os ensinamentos de «O MILITANTE», a luta popular sofreu um novo impulso, a justeza da linha política do Partido foi comprovada pela acção das massas e a experiência revolucionária do Partido saiu enriquecida com novos ensinamentos.

É é nisto que consiste o papel educador do Partido — beber a experiência viva da acção das massas, tirar dela os seus ensinamentos políticos e levá-la de novo às massas, com o objectivo de elevar a sua consciência revolucionária e de armá-las para novas e mais amplas lutas.

Os progressos ultimamente verificados no nosso órgão de educação política estão ligados a uma colaboração mais larga de todo o Comité Central e de outros camaradas destacados do nosso Partido. Esta colaboração é, sem dúvida, um bom indicador do amadurecimento político atingido pelo Partido e pelo seu C.C.. Entretanto, não sobemos combater e liquidar nas nossas fileiras a tendência para o trabalho prático desligado da teoria revolucionária, o que paraliza perigosamente a iniciativa política do Partido e impede o aproveitamento das grandes possibilidades existentes para a mobilização das massas.

A agudização da luta de classes coloca hoje ao Partido a questão duma estreita ligação da teoria à prática, duma compreensão mais exacta da linha do Partido e da sua aplicação às condições concretas de cada sector do nosso trabalho.

O conteúdo e o espaço do nosso «MILITANTE» são hoje insuficientes para as exigências de acção que hoje se põem ao Partido. Torna-se necessário alargar mais ainda a sua colaboração, melhorar-lhe o conteúdo, enriquecê-lo com a experiência viva da nossa luta revolucionária e do movimento operário internacional e fazer cada vez mais do nosso «MILITANTE» um verdadeiro órgão orientador do Partido e das massas, um poderoso instrumento para a Unidade Nacional Democrática e Anti-fascista e de luta pela Paz e pelas reivindicações políticas e económicas da classe operária e de todo o povo trabalhador.

Com este objectivo, a Direcção do Partido, vencidas algumas sérias dificuldades de ordem técnica

e financeira, resolveu aumentar o número de páginas de «O MILITANTE» e iniciar desde já a publicação de artigos de interesse político e ideológico imediato do Movimento Operário internacional que doutra forma não seria possível fazer chegar a todos os militantes do Partido.

A par disto, serão feitas edições mais largas de materiais teóricos publicados pelo nosso Partido e pelos partidos irmãos e de trabalhos dos nossos mestres, mais directamente relacionados com as tarefas presentes do nosso Partido e com a situação nacional e internacional.

O melhoramento do conteúdo político e ideológico de «O MILITANTE» e o aumento do número das suas páginas, bem como a publicação doutros trabalhos, exige da Direcção do Partido um sério esforço de ordem política, conspirativa e financeira que tem de ser justamente compreendido e correspondido por todo o Partido. É necessário que esse esforço aproveite realmente ao Partido e que ele se materialize no melhoramento imediato de toda a nossa actividade política e organizativa e na mobilização da classe operária e do povo.

Neste momento em que o Partido está empenhado em liquidar todo o sectarismo na aplicação da sua linha política e em rasgar novos e amplos horizontes diante do Partido e das massas, tais objectivos não poderão ser atingidos sem o estudo atento e organizado dos materiais do Partido, sem a compreensão e justa aplicação da experiência generalizada da luta nacional e internacional da classe operária.

Impõe-se, por isso, que todos os organismos e camaradas do Partido discutam e estabeleçam medidas práticas para o estudo de «O MILITANTE» e dos materiais teóricos publicados pelo Partido, organizando reuniões especiais em boas condições conspirativas onde se estudem as formas de aproveitamento e aplicação em cada sector de trabalho dos seus ensinamentos e directrizes.

Importa, além disso, fazer chegar à Direcção do Partido as críticas, as sugestões e as experiências de cada camarada e organismo do Partido e os resultados do estudo organizado dos nossos materiais.

A Direcção do Partido tem de dispensar à execução destas tarefas uma atenção particular.

Melhoremos o conteúdo político e ideológico de «O MILITANTE»!

Organizemos o estudo e a discussão de «O MILITANTE» em cada célula e organismo do Partido!

Tiremos todo o proveito da experiência revolucionária do nosso Partido e do movimento operário internacional!

Liguemos mais justamente a nossa actividade prática à teoria revolucionária!

O QUE É NECESSÁRIO PARA SE SER UM REVOLUCIONÁRIO

Não basta ter temperamento de revolucionário: é preciso também manejar a arma da teoria revolucionária.

Não basta conhecer a teoria: é preciso forjar para si próprio um carácter sólido, com uma inflexibilidade de bolchevique.

Não basta saber o que fazer: é preciso ter a coragem de levá-lo a cabo.

É preciso estar sempre pronto para fazer, por qualquer preço, tudo o que possa realmente servir à classe operária.

É preciso ser capaz de subordinar toda a sua vida privada aos interesses do proletariado

(DIMITROV — Prefácio de uma biografia de Ernesto Thaelmann)

COMBATAMOS O SECTARISMO

QUE ISOLA O PARTIDO DAS MASSAS!



O nosso Partido, as forças democráticas e progressivas, alcançaram nos últimos anos grandes vitórias na condução das lutas do nosso povo em defesa da paz, dos seus interesses vitais e pela conquista das liberdades democráticas. Por isso, o governo fascista tem dirigido todo o peso da repressão fascista contra o Partido e os movimentos populares. A justiça da linha do Partido tem sido comprovada através das lutas crescentes das classes trabalhadoras. Porém, a verdade é que maiores lutas e muito maiores sucessos se teriam alcançado se o Partido não estivesse dominado por formas sectárias de trabalho, que entravam novas e maiores vitórias. Tu do nos indica que vamos entrar num novo período de lutas crescentes do nosso povo, de que os métodos fechados e sectários de trabalho empregados pelo Partido até agora não facilitam o alargamento e desenvolvimento. Impõe-se, por isso, uma revisão profunda nos nossos métodos de trabalho.

O PARTIDO ESTÁ CHEIO DE SECTARISMO

É um facto verificado em todo o Partido que muitas das suas organizações e militantes se encontram hoje desligadas das massas, o que não lhes permite levar à prática a orientação do Partido e o enfraquece orgânica e politicamente. Podemos afirmar, sem perigo de errarmos, que o sectarismo é hoje o inimigo número um do desenvolvimento e progresso do Partido, que se continuássemos pelo caminho que trilhámos nos últimos tempos, reduziríamos o Partido a um grupo fechado de pessoas desligadas do nosso povo, desacreditávamos o Partido e seríamos fatalmente ultrapassados pelos acontecimentos.

Esta situação grave a que chegaram muitas das organizações do Partido, desde a sua Direcção até aos organismos de base, exige um esforço sério de todos nós, exige uma dura e constante batalha, para que o sectarismo seja vencido, para que possamos reduzir os organismos e militantes dentro dum espírito Marxista-Leninista e para que nos possamos ligar cada vez mais às amplas camadas do nosso povo.

AS MANIFESTAÇÕES DE SECTARISMO

Em todas as formas de trabalho partidário e em todos os escalões do Partido se verificam graves manifestações de sectarismo. O sectarismo é a tendência dos organismos e camaradas para se fechar em si próprios, para limitarem somente a sua acção junto dos próprios membros do Partido e simpatizantes e a não terem confiança nas massas, a fugirem ao contacto com as outras pessoas honradas. Procedendo assim, esses camaradas fazem do Partido, não um partido político virado para as massas e servindo os interesses das massas populares (como têm de ser todos os Partidos comunistas), mas sim um grupo fechado de pessoas, uma espécie de seita. Vejamos, concretamente, algumas manifestações de sectarismo verificadas no nosso Partido.

Quando em importantes empresas os membros das células do Partido não se esforçam por mobilizar outros trabalhadores na luta em defesa dos seus interesses de classe e actuam eles sózinhos, dizendo que não têm confiança nos seus companheiros de trabalho ou que eles não querem lutar, esses camaradas revelam sectarismo.

Quando os nossos camaradas trabalhadores rurais dizem ter falta de confiança nos seareiros, reideiros, camponeses pobres e médios e não procuram trazê-los à luta com eles, esses camaradas revelam sectarismo.

Quando o «Avante!» atacou todos os democratas que apoiaram a candidatura do Almirante Quintão Meireles e a Comissão Promotora de Voto e, não procurou isolar certos agentes do fascismo e divisionistas da massa seria dos democratas que acompanharam esses movimentos, o «Avante!» revelou aqui, como noutras alturas, espírito sectário.

Quando os membros do Partido combatem a presença de católicos (que são uma grande parte do nosso povo) no Partido, nas organizações democráticas e no movimento da paz, os nossos camaradas revelam sectarismo.

Quando os membros do Partido fecham os ouvidos à opinião das outras pessoas e pretendem im-

por-lhes, não por convencimento ou discussão amigável, mas como um dogma, as suas próprias ideias ou as ideias do Partido, esses camaradas revelam sectarismo.

Como estas, há mil e uma manifestações de sectarismo no seio do Partido, que mostram claramente que os nossos camaradas põem de lado e não dão o verdadeiro valor às grandes possibilidades de luta que oferecem aqueles portugueses honrados que, embora não sendo comunistas têm simpatizantes comunistas, podem no entanto ser atraídos à luta e dar para ela uma contribuição decisiva.

ORIGENS DO ACTUAL SECTARISMO

São diversas as origens do sectarismo que enfraquece o trabalho da maioria das organizações e militantes do Partido. O facto do nosso Partido se ter forjado na ilegalidade, de ser o alvo constante da repressão fascista, de não ter sido um Partido legal desde a reorganização de 1939, fez crescer no seu trabalho revolucionário processos e métodos de trabalho sectários que o nosso C.C. não soube até agora vencer. A repressão que atingiu tão duramente o Partido entre 1949 e 1951, que nos fez perder contacto com organizações inteiras e criou sérios problemas a toda a vida interna do Partido, fez com que todas as atenções do nosso Comité Central e dos militantes do Partido se virassem para os problemas internos do Partido e se descurassem, por isso, as ligações com as massas e as acções de massas. O baixo nível teórico e político do Partido, a formação praticista dos seus quadros, contribuíram decisivamente para o desenvolvimento do sectarismo. A formação da maioria dos activistas do nosso Partido, baseada só na prática e desligada do estudo dos nossos mestres, faz com que o nível teórico e político da nossa base se não distinga do nível teórico e político das massas que a cercam, o que retira ao Partido preciosos meios de acção.

É este carácter praticista do nosso Partido que explica por que motivo tem sido tão abandonada pelo seu C.C. a formação teórica dos quadros do Partido e por que motivo se tem esquecido com tanta facilidade no trabalho prático diário a força e a influência das classes e partidos existentes no País e o carácter do fascismo. Por isso se tem caído em formas fechadas e sectárias de trabalho, desde há muito condenadas pelo Leninismo e pela experiência dos Partidos Comunistas e Operários nossos irmãos. Não combatendo o fascismo de forma mais eficaz, o nosso Partido tem perdido tempo e desperdiçado forças preciosas.

OS NOSSOS MESTRES E A NOSSA

EXPERIÊNCIA CONDENAM O SECTARISMO

Se cada activista do nosso Partido tivesse sempre presente no seu trabalho diário o que nos ensina o Marxismo-Leninismo sobre a necessidade que o proletariado revolucionário tem de saber «ligar-se, aproximar-se e, se o desejar, de se fundir até certo ponto com a massa mais larga dos trabalhadores»; em primeiro lugar com a massa proletária, MAS TAMBÉM com a massa dos trabalhadores NÃO PROLETÁRIOS, como nos ensina Lenine, nós não teríamos caído no tipo de trabalho fechado, sectário, em que caímos, devido ao que muitos militantes do Partido se desligaram da sua própria classe e das restantes massas.

Se a Direcção do Partido tivesse sabido educar dum forma correcta os seus quadros, não teria sido possível aparecerem, como apareceram, camaradas operários e camponeses a pronunciarem-se sobre o Projecto de Programa do Partido dum forma errada. Para esses camaradas será o Partido, sózinhos, que irá materializar os pontos do Programa (desligado já de outras classes e partidos) e julgam que será o Partido sózinhos a governar o País logo após o derrubamento do fascismo, esquecendo o papel dos aliados do proletariado. Estas ideias erradas e sectárias são filhas dum formação errada e sectária.

Se cada activista do Partido tivesse sempre presente no seu trabalho diário o que nos ensinaram, em 1935, o VII.º Congresso da Internacional Comunista e Dimitroff sobre o carácter do fascismo e como



combatê-lo; se esses activistas conhecessem e tivessem bem presente no seu trabalho o que se disse nos informes ao I.º e II.º Congressos, ilegais do nosso Partido sobre o carácter do salazarismo e como derrubá-lo, os nossos camaradas, todos nós, não teríamos esquecido no trabalho diário o problema da unidade: primeiro, da unidade da classe operária, depois, e unidade com as outras forças anti-fascistas do País.

Se todos nós tivéssemos presentes no nosso trabalho diário os preciosos ensinamentos de Lenine, nós não teríamos dado tão pouca importância ao trabalho legal nas organizações massivas (Sindicatos Nacionais, Casas do Povo, Casas dos Pescadores, colectividades, etc.) e compreenderíamos que a função do trabalho legal e ilegal dos comunistas é um princípio Leninista-Stalinista seguro e provado e a única forma de, nas duras condições da clandestinidade fascista, podermos manter-nos ligados às vastas massas e assegurar a defesa dos seus interesses, de prepararmos com êxito o derrubamento do fascismo.

Deixando cair no sectarismo mais feroz muitas organizações e militantes, nós fizemos um trabalho feio e o sectário da direcção, deixámos que os comunistas aparecessem sózinhos e a peito descoberto a combater o fascismo, oferecendo-lhe assim um alvo fácil de atingir e forças pouco numerosas, o que só nos poderia conduzir a sucessivas derrotas e só serviria para nos fazer perder por longo tempo os mais ardentes e heróicos combatentes comunistas, que, assim, facilmente acabam por cair nas garras do inimigo.

Se cada activista do Partido tivesse tido sempre presente no seu trabalho diário que a melhor forma de defender o seu trabalho revolucionário é saber ligar-se às massas, é confundir perante o inimigo a sua acção com a acção das massas, é saber juntar de forma correcta o trabalho legal ao trabalho legal, os nossos camaradas não teriam caído no erro grave em que tantos têm caído de se isolarem da sua classe e das massas, de se enconharem nos organismos do Partido por pensarem que assim está melhor defendidos da repressão fascista. Temos de saber reeducar-nos e reeducar os quadros do Partido que caíram dentro de formas fechadas de trabalho e aqueles que, por tendência ou por oportunismo, não forem capazes de se adaptar a novos métodos de trabalho, devemos substituí-los sem qualquer hesitação.

Se a Direcção do Partido tivesse sempre presente no seu trabalho diário os factos atrás apontados, teria evitado formas sectárias no seu próprio trabalho e teria sabido educar os quadros do Partido numa forma mais correcta, mais Leninista, teria dado combate decidido e desde já, há mais tempo, ao sectarismo, teria sabido ligar cada vez mais o Partido às vastas camadas do nosso povo, teria fortalecido o Partido e forji-lo-ia com mais segurança dentro dos sólidos princípios do Marxismo-Leninismo, fonte segura da nossa força e garantia da nossa vitória.

CONSEQUÊNCIAS DO SECTARISMO

Na medida em que cada activista do Partido não tem como preocupação fundamental, no seu trabalho revolucionário, ligar-se aos seus companheiros de trabalho, aos habitantes da sua rua ou da sua aldeia, aos membros do seu Sindicato, Casa do Povo ou colectividade, conviver com eles, ouvir as suas opiniões, conhecer os seus anseios, esclarecê-los, orientá-los sobre os problemas políticos e na luta em defesa dos seus interesses, esse membro do Partido não cumpre a sua tarefa de comunista, que é confiar nas massas, ligar-se a elas, servi-las. Esse comunista isola-se das massas que o cercam, cai no sectarismo.

O sectarismo dos militantes do Partido isola o Partido das massas, converte o Partido num grupo fechado de «velhos», de «tipos fixes», incapazes de mobilizar outras pessoas, descrentes nas possibilidades dos outros e nas massas, fazendo só eles trabalho e não confiando em ninguém — pois que os nossos camaradas, na medida em que se isolam das massas, passam a ignorar a sua combatividade, a sua disposição de luta, desconhecem as suas actividades e os seus anseios, *testão nas aldeias e não vêem as casas*, como diz o nosso povo.

O sectarismo, desligando o Partido das massas, limita, por essa mesma razão, a acção política do

Partido junto do nosso povo, fecha-lhe toda e qualquer possibilidade de alargar a sua organização e os seus efectivos, faz mirar o Partido como um fruto sem sumo, condena o Partido a estagnação e ao progressivo enfraquecimento.

O SECTARISMO NAS NOSSAS CÉLULAS DE EMPRESA

O sectarismo dos militantes do Partido, em muitas células de empresa, está a travar as lutas da classe operária na defesa dos seus interesses de classe e a entrar a unidade da classe operária no seu conjunto — principal factor da unidade nacional.

Na medida em que certos camaradas persistem em se isolar dos demais trabalhadores honrados da sua empresa, não procuram conversar com eles e conhecer as suas opiniões, os seus desejos, que os não esclarecem politicamente, lhes ocultam a existência do Partido, tais camaradas fazem um trabalho fechado, dum sectarismo feroz. Camaradas que confessam que nas suas empresas ou secções há muita gente que simpatiza com o Partido, mas ugam, ao mesmo tempo, a possibilidade de trazer essa gente à luta em defesa dos seus interesses vitais, que pensam que só eles e mais ninguém dentro da sua empresa têm consciência bastante e espírito de sacrificio para podermos estar no Partido e merecerem a confiança deste; camaradas que se recusam a revelar a trabalhadores honrados que são comunistas e lhes escondem a imprensa do Partido, tais camaradas estão mergulhados no sectarismo mais cego e mais perigoso; camaradas que nas empresas organizam Comissões Reivindicativas compostas somente por membros do Partido e por simpatizantes (por não terem confiança nos restantes trabalhadores) ou que não procuram formar essas Comissões e vão elas indvidualmente, sózinhos ou acompanhados de outro camarada, formular certas reivindicações colectivas junto do patronato ou encarregados, queimam-se inutilmente e revelam também estar privados de sectarismo no seu trabalho partidário.

Só a reeducação dos nossos camaradas mergulhados durante anos seguidos neste estilo sectário de trabalho poderá abrir o caminho imediato para o fortalecimento das células do Partido nas empresas, para a sua ligação com as massas, para o fortalecimento das lutas da classe operária e o alargamento da sua unidade, factores decisivos para o fortalecimento orgânico e político do Partido e da luta do nosso povo contra o fascismo e o imperialismo, de que o Partido é o principal e mais decisivo instrumento de luta.

O SECTARISMO NO NOSSO TRABALHO LEGAL NOS SINDICATOS, CASAS DO POVO E COLECTIVIDADES

Uma prova provada do sectarismo existente em todo o Partido está no abandono a que foram votados os Sindicatos, Casas do Povo, Casas dos Pescadores, colectividades, cooperativas, organizações culturais, desportivas, etc., pelos nossos camaradas. Esquecendo as importantes vitórias alcançadas pelo nosso Partido após a reorganização de 1941/42, esquecendo as lições dos nossos mestres e a rica experiência dos Partidos Comunistas e Operários dos nossos irmãos, nós temos deixado decair o nosso trabalho nas organizações massivas, revelando com isto visso acanhado do trabalho de massas e muito sectarismo.

Lenine ensinou-nos que é absolutamente preciso trabalhar «*lá onde está a massa*», seja em que circunstâncias for, porém, a verdade é que hoje muitos comunistas fogem perante as dificuldades que oferece ao trabalho do Partido a acção legal nos Sindicatos, Casas do Povo e outros organismos, o que limita a ligação do Partido com centos de milhares de trabalhadores.

O sectarismo do nosso trabalho não se tem revelado só no abandono das organizações massivas, mas também em defendermos mal as nossas posições nessas organizações, denunciando ao fascismo a nossa presença com referências claras na imprensa antifascista e desenvolvendo dentro delas, por vezes, actividades estranhas a esses organismos, o que imediatamente denuncia a nossa presença e facilita a acção repressiva do fascismo, fazendo-nos, assim, perder contacto com essas massas.

O SECTARISMO NA LUTA PELA PAZ

A luta em defesa da paz, contra as armas atómi-

cas e contra o envio de tropas para Goa, Damão e Diu, é a principal tarefa dos comunistas na hora presente. Porém, nesta luta sagrada os comunistas encontram como aliados pessoas de todas as condições sociais, credos religiosos e tendências políticas, se souberem despir-se de seclerismos prejudiciais. Não é porém isto que se verifica em muitos lados entre nós, cegos como estamos perante os exemplos dos outros povos. A luta pela paz no nosso país, apesar de muito de positivo que há feito, não corresponde de forma alguma às possibilidades imediatas existentes, o movimento é muito débil ainda e está evadido de muito sectarismo.

O trabalho dos comunistas na luta pela paz, devido à falta de uma orientação larga e audaciosa por parte do Partido, tem sido um travão ao alargamento da luta, tem fechado o campo a essa luta.

Em primeiro lugar, porque os comunistas pensam que só deveriam estar no movimento da paz aquelas pessoas que tivessem ideias claras e seguras sobre o papel dos imperialistas americanos e fomentadores de guerra, sobre o significado agressivo do Pacto do Atlântico, sobre o rearmamento alemão, sobre a importância da luta contra as armas atómicas, sobre o papel da URSS e dos países de democracia popular na defesa da paz, sobre os melhores métodos e formas de luta, etc., etc. Escusado será dizer que as únicas pessoas que tinham ideias uniformes, claras e justas sobre todos estes problemas eram os comunistas!... Logo, sendo assim, parece que só eles deviam e podiam estar nas comissões de defesa da Paz!... Os nossos camaradas não foram capazes de ver que toda e qualquer pessoa que esteja disposta a desenvolver acção em defesa da Paz, mesmo que seja só num aspecto parcial e limitado, serve já a causa da Paz e que são muitos milhares de pessoas nessas condições que alargam o movimento da paz e o tornam poderoso.

Em segundo lugar, porque os comunistas não viam que a luta pela paz era um movimento e não uma organização com uma estrutura bem definida onde pudessem ter cabimento, portanto, os métodos de trabalho e de organização do Partido ou de outras organizações políticas, que só foram assim entrar o alargamento desse movimento. Movimento, significa um conjunto de organizações e de pessoas de formas e tendências diversas unidas numa luta comum. Falar-se, nestas condições, em disciplina, em controlo, tratarem-se os membros das comissões por etc., etc., revela bem o atraso político e o sectarismo feroz que alguns camaradas pretendem impor no movimento da paz.

Em terceiro lugar, porque os comunistas apoiaram e desenvolveram formas ilegais de acção dos partidários da paz (difusão de tarjetas, inscrições, manifestos, etc) que não ligam o movimento às massas e que não são a melhor forma de alargar e legalizar o movimento, ao mesmo tempo que procuram dar-lhe um carácter político que ele não pode ter (travar lutas contra a repressão fascista contra os partidos e organizações políticas, intervir em lutas eleitorais, confundir a sua acção com a de outras organizações acentuadamente políticas, etc., etc.), que só dificultaram e ainda estão dificultando a vida a este movimento. Esta situação grave do movimento da paz exige uma revisão total, profunda, e imediata dos métodos de acção dos comunistas na luta pela paz, no sentido de a ajudarmos a ter um carácter largo, aberto e legal.

O SECTARISMO, INIMIGO DA UNIDADE NACIONAL

Uma análise defeituosa e anti-Marxista da força e influência das outras classes e partidos dentro do País levou muitos comunistas a só verem a força e a influência do Partido Comunista e a esquecerem tudo o que o Marxismo-Leninismo nos ensina sobre a enorme importância dos aliados do proletariado revolucionário na sua luta contra o grande capital e contra o imperialismo, aliados que são indispensáveis para se poder derrubar o fascismo. Através desses aliados para um lugar muito secundário no nosso País, nós, comunistas, não damos a devida importância à unidade com esses aliados do proletariado e esquecemos uma das grandes lições do Marxismo-Leninismo.

A agudização da luta de classes, o rompimento da

unidade com o nosso Partido pelos partidos burgueses em 1940, a marshalização do País e a posterior adesão ao Pacto do Atlântico com o aumento da repressão contra o Partido, aliados a casos de provocação então descobertos, levaram muitos camaradas a pensar erradamente que os interesses do Partido e do nosso Povo estavam no nosso isolamento perante esses partidos burgueses e os seus aderentes. Para esta incompreensão dos nossos camaradas contribuiu também de forma decisiva a linguagem agressiva e sectária da imprensa do Partido e o próprio sectarismo com que foi aplicada a linha do Partido pela sua Direcção.

Esta situação foi-se processando ao decorrer dos últimos anos de forma tal, que muitos militantes do Partido romperam deliberadamente qualquer espécie de ligação com elementos ligados a outros partidos ou semi-partido, ficando isolados das outras correntes políticas e pessoas! Isto serviu os intentos do fascismo, que assim pôde mais facilmente virar todo o seu aparelho repressivo contra o Partido e os seus militantes, deixou essas correntes políticas sujeitas à acção maléfica de perigosos oportunistas ou agentes do fascismo e privadas do auxílio político do Partido, agravando assim os velhos pecados oportunistas dessas correntes e deixando-as a remoer antigos ressentimentos.

A posição dos comunistas prejudicou e emperrou, por vezes, os movimentos de unidade, devido à acção sectária de muitos elementos do Partido que nesses movimentos foram dogmáticos e pouco maleáveis, não sabendo ouvir nem acatar outras opiniões, chamando a si todas as tarefas de maior responsabilidade, revelando claramente falta de confiança nas outras pessoas, transformando-se em verdadeiros «homens-orquestra» dentro desses movimentos e procurando impor ali métodos de trabalho e processos de acção empregados no Partido.

O isolamento do Partido em relação aos democratas e pessoas honradas da oposição anti-fascista dificulta a unidade de acção com essas pessoas, representa para o Partido o perigo de poder ficar isolado perante a marcha dos acontecimentos, entrava a possibilidade de se forjar um amplo movimento de libertação nacional capaz de derrubar o governo e de libertar o nosso povo do fascismo e do imperialismo. Porém, para isto, necessário se torna que todos os comunistas saibam aproximar-se dos outros democratas, patriotas e pessoas honradas e, ao tratarem com eles, não deixem cair a discussão na apreciação de casos passados e nas culpas que cabem a eles e a nós, mas sim que procurem só aquilo que neste momento nos pode unir e não aquilo que nos separa deles.

A unidade que temos de saber forjar rapidamente é uma unidade de acção, uma unidade para salvar Portugal.

O NOSSO SECTARISMO PERANTE AS CLASSES MÉDIAS E AS TRADIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS E CULTURAIS DO NOSSO POVO

O sectarismo do nosso trabalho manifesta-se também no pouco valor dado às classes médias pelas organizações do Partido, sobretudo em relação à intelectualidade, o que é um erro anti-Leninista. Há organizações importantes do Partido, como por exemplo os distritos do Sul, onde a composição social do Partido é 99% proletária, tendo ali sido manifestamente desatendidas as outras camadas da população, embora seja o proletariado a mais importante. Isto deixa assim de ser uma virtude para se transformar num vício. A intelectualidade progressiva, as classes médias (pequenos e médios agricultores, industriais, comerciantes, etc.), são aliados importantes do proletariado revolucionário, cujo futuro está ligado ao proletariado e que este não pode esquecer na sua acção diária.

Não sabendo dar seguimento aos gloriosos exemplos de Bento Gonçalves e de Álvaro Cunhal perante os tribunais fascistas, onde eles procuram que nós, comunistas, somos os herdeiros e continuadores de todas as tradições revolucionárias do nosso povo e os depositários e continuadores das suas melhores tradições culturais e valores progressivos, a

maioria das organizações e militantes do Partido têm mantido uma posição fechada, indiferente, perante a política de subversão e desfiguramento das nossas tradições revolucionárias e da nossa cultura, levadas a cabo pelos bárbaros fascistas e os lacaios dos imperialistas americanos. Acontecimentos como a revolução popular de 1933, as Descobertas, as revoluções de 1640, 1820, 1910, etc., ou figuras nacionais como João das Regras, Alvaro Pais, Fernão Lopes, Gil Vicente, Damião de Góis, Camões, Febo Monis, Garrett, Herculano, Eça, Fialho, Junqueiro, etc., pertencem à Pátria, ao povo e a nos comunistas. Também aqui temos de saber vencer o sectarismo e fazeremos uma política larga e audaz, chamando a nós a comemoração dessas datas e celebrando as figuras progressivas e revolucionárias da História Nacional.

Combate ao sectarismo I

O sectarismo e as suas manifestações foram combatidos com a maior energia pelos nossos mestres, por entravarem a acção do Partido e o enfraquecerem. O sectarismo, desligando os comunistas das massas, faz-lhes perder a audácia revolucionária filha da confiança nas massas, quebra-lhes a confiança no futuro, mina a sua confiança no Partido e na classe operária (abrindo, assim, a porta ao derro-

tismo e a perigosos desvios oportunistas) e não dá a sua acção revolucionária aquela confiança total na vitória final, no futuro e na causa do nosso povo, que é característica dos comunistas, que os coraça perante todos os acontecimentos e provações, sejam quais quais forem. A ligação com as massas é o sangue e a alma dos comunistas.

Embora a luta contra o sectarismo seja a batalha fundamental da hora presente, a luta contra o oportunismo mantem-se viva. Até porque o próprio sectarismo e o oportunismo são dois extremos que se focam, que muitas vezes têm origens comuns. O Partido fortalece-se combatendo todos os desvios.

Mesmo evitado de sectarismo, o nosso Partido, as forças democráticas e o nosso povo, alcançaram já grandes vitórias. Se soubermos vencer o sectarismo, novas e mais importantes vitórias se alcançarão; é essa a tarefa que temos pela nossa frente! Para isso, é preciso que todas as nossas energias, todas as nossas atenções se virem para a luta contra o sectarismo e suas manifestações, que liguemos cada vez mais o Partido às massas, que façamos de cada militante um homem de massas, de forma a permitir ao nosso Partido cumprir vitoriosamente a sua missão histórica e libertar o nosso povo da negra noite fascista.

Combate sem quartel ao sectarismo!

OS COMUNISTAS PERANTE O TRIBUNAL DE EXECUÇÃO DE PENAS

por FERREIRA

É incompreensível que alguns camaradas que tão valorosamente souberam honrar o nome de comunistas na sua passagem pela polícia e tão dignamente levantaram a bandeira do nosso Partido frente aos juizes fascistas dos Tribunais plenários, tenham, perante o Tribunal de Execução de Penas, tomado atitudes menos correctas que revelam grave incompreensão acerca do papel que este Tribunal, que depende inteiramente da Pide, desempenha na campanha de feroz repressão que o fascismo faz cair em cima do nosso Partido e dos outros movimentos progressivos do país. É inadmissível que militantes honrados do nosso Partido, embora poucos é verdade, que sempre se recusaram perante a PIDE e os carcereiros a tomar qualquer compromisso, que sempre têm sabido manter-se dentro da orientação do Partido, tenham acabado por tomar compromissos perante o T.E.P. que é também um tribunal fascista ligado à PIDE.

É inadmissível que alguns militantes honrados do nosso Partido, que sempre se recusaram a receber da Pide e dos carcereiros qualquer espécie de favores, os solicitem aos juizes do T.E.P., como se estes não fossem homens da confiança do fascismo e da PIDE, como se não fizessem parte do aparelho repressivo salazarista.

A provar este facto estão os documentos passados por este tribunal, de acordo com a Pide, que regulam a liberdade condicional. Estes documentos, além de representarem um compromisso com o inimigo, são desonrosos e representam um perigo constante para quem os assina.

São um compromisso, porque aquele que os assina compromete-se a não ter mais qualquer actividade política, a não se relacionar com anti-fascistas, a não se afastar da terra onde mora sem autorização da policia, a apresentar-se na policia nos dias marcados por esta, etc., etc.

São desonrosos, porque representam um acordo estabelecido e um comunista nunca aceita acordos de qualquer espécie com o inimigo.

São um perigo constante, porque esses amigos, além de chamarem a atenção da policia sobre si, cada vez que se vão apresentar, arriscam-se também a criar nas massas um espirito de desconfiança em relação a si próprios, como se arriscam a ser tomados por pessoas fracas, não só pelas massas, como até pelo inimigo, que deixará de os olhar com o respeito que deve, e este respeito ganha-se com actos de firmeza e não a vestir tão dócilmente o colete de forças que o inimigo impõe.

Os camaradas que têm assinado tais documentos esquecem os exemplos de firmeza e intransigência que a grande maioria dos militantes do Partido têm dado perante o inimigo, à frente dos

quais se encontra o nosso querido camarada A. Cunhal, que deve ser para todos nós um exemplo a seguir. Pode dizer-se que a assinatura de tal documento e a sujeição a tais imposições representam a perda de personalidade moral e revolucionária, o que compromete para qualquer camarada o seu futuro de combatente de vanguarda.

Tem havido camaradas que têm assinado o documento com a ideia de sair em liberdade para mais depressa servirem o Partido. Tem havido outros camaradas, que não tendo assinado com uma intenção tão sã como os primeiros, sempre vão realizando algumas tarefas, muito embora com limitações. Entretanto, outros camaradas tem havido que se têm servido do compromisso tomado para não realizarem qualquer tarefa. Estes são os que aceitam dócilmente o colete de forças e aceitam-no porque se sentem bem dentro dele. Para uns o problema é apenas de esclarecimento, mas para outros já tem que ser em carada uma ajuda muito séria, porque muito sérios são as suas incompreensões. É necessário fazer compreender a estes amigos que não é possível estar ao mesmo tempo com um pé no Partido e outro no campo do inimigo! Se o Partido é intransigente quanto às relações com os provocadores, muito mais o tem de ser quanto ao contacto com o inimigo.

De qualquer forma, uma conclusão há que tirar desde já, seja qual for a intenção com que se assine tal documento, ela não está de acordo com a orientação do Partido, esta não permite, nem nunca permitiu, compromissos de qualquer espécie com o inimigo, seja a que pretexto for.

Em face desta situação, impõe-se abrir discussão em todo o Partido, especialmente nas organizações prisionais, no sentido de que mais nenhum camarada ou democrata honrado peça ou aceite favores deste Tribunal ou de qualquer órgão fascista.

A luta pela libertação dos presos que terminaram as suas penas tem todas as condições de ser levada a bom termo, se as suas famílias forem orientadas para a mobilização das pessoas honradas das terras e locais de trabalho onde os presos viveram ou trabalharam anteriormente, em todas as terras onde eles sejam conhecidos ou tenham simpatia.

Nada há que o fascismo mais tema que as acções de massas; é, portanto, para elas que cada vez mais temos de encaminhar o nosso povo, porque esta é a única via que permitirá, não só a libertação dos presos políticos, mas também a libertação de todo o nosso povo e da nossa Pátria do jugo fascista.

O CENTRALISMO DEMOCRÁTICO — PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA ESTRUTURA ORGÂNICA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

por E. KUSKOV

Desde os primeiros tempos da sua actividade revolucionária que V. I. Lênine lutou pela criação dum Partido organizado, estreitamente unido e monolítico, o partido de novo tipo, o partido da revolução social e da ditadura do proletariado. Por isso, ele criticou implacavelmente as teses organizativas dos Mencheviques que queriam ter uma organização reformista, mal definida, fofa de estrutura e conciliatória, do tipo dos Partidos oportunistas da Segunda Internacional.

O Partido Comunista da União Soviética, constituído segundo o plano de Lênine e forjado por Lênine, uniu todas as forças do proletariado mais revolucionário do mundo, forjou a indestrutível aliança da classe operária e do campesinato trabalhador; acordou todos os povos da Rússia, levantou-os para a luta, dirigiu a vitoriosa revolução socialista e conduziu o país para o vasto caminho da construção do Comunismo.

A vasta experiência do Partido Comunista da União Soviética é, na verdade, de incalculável significação internacional. O Partido Comunista da União Soviética é o mais poderoso e prestigiado Partido no mundo, o grande modelo e exemplo inspirador para os Partidos Comunistas e Operários.

O princípio fundamental da estrutura orgânica dos Partidos Comunistas e Operários é o princípio Leninista do centralismo democrático. Este significa a eleição de todos os organismos dirigentes de baixo para cima; prestação periódica de informações sobre a sua actividade pelos organismos do Partido às suas organizações partidárias; disciplina rígida do Partido e subordinação da minoria à maioria; cumprimento das decisões dos organismos superiores pelos organismos inferiores.

A força e a vitalidade do princípio Leninista do centralismo democrático assenta no facto de aliar à maior centralização e disciplina o mais largo democratismo.

Qual é a essência do centralismo e do democratismo? Qual o seu significado?

V. I. Lênine acentuou muitas vezes que para se tornar operante, unido e actuando como um todo, o Partido tem de assentar a sua organização no princípio do centralismo, tem de ter um sistema bem definido de organizações partidárias, ter um único programa e um único Estatuto; tem de ter um único órgão dirigente — o Congresso do Partido e o Comité Central nos intervalos dos Congressos; todas as organizações de base devem estar rigorosamente subordinadas ao centro; o Partido deve ter uma única disciplina abrangendo todos os seus membros e todas as suas organizações. Sómente nestas condições pode o Partido ser o destacamento organizado da classe operária, actuar com justeza e conduzir a luta do proletariado e de todas as classes trabalhadoras e subordinar toda e sua actividade a uma única vontade.

Os Partidos Comunistas e Operários são organizados segundo a principio da produção territorial. É por isso particularmente importante salientar o significado e o papel das suas células nas empresas. Lênine ensinou que a principal força do movimento assenta na organização dos trabalhadores das grandes fábricas. Por isso, ele estabeleceu como tarefa fazer de cada fábrica uma fortaleza do Partido Comunista. As células nas empresas tornam possível aos Partidos Comunistas e Operários estar sempre entre as massas, conhecer as suas aspirações e o seu sentir, educá-las e uni-las. Os Partidos Comunistas e Operários estão fazendo grandes esforços para organizar e fortalecer as suas células nas fábricas e empresas. O XIII.º Congresso do Partido Comunista Francês, por exemplo, estabeleceu a tarefa de organizar células do Partido em todas as fábricas que empreguem mais de 50 operários.

Os Partidos Comunistas e Operários, nos países capitalistas, estão também desenvolvendo esforços para organizar células nos campos, tendo em conta que sem isto não é possível desenvolver concretamente um trabalho educador entre as vastas massas camponesas, para forjar a sólida aliança da classe operária e dos camponeses, que é a força decisiva na luta pela transformação revolucionária da sociedade.

O princípio do centralismo exige que cada membro do Partido respeite rigorosamente a disciplina partidária. Os estatutos dos Partidos Comunistas e Operários colocam grandes deveres a cada membro do Partido. Por exemplo, os Estatutos adoptados no Segundo Congresso do Partido Operário Unificado da Polónia estabelecem que cada membro do Partido deve «respeitar a disciplina do Partido e do Estado; a que estão sujeitos todos os membros do Partido de igual forma. Há uma só disciplina, um só lei para todos os membros do Partido, independentemente do seu passado ou dos postos que ocupam».

V. I. Lênine ensinou que sem uma disciplina férrea o Partido Comunista não pode cumprir a sua missão — conduzir o proletariado à vitória. A disciplina é particularmente necessária naqueles Partidos que levam a cabo a ditadura do proletariado. A unidade de vontade e uma rigorosa disciplina no Partido são incompatíveis com a existência de qualquer espécie de fracção ou grupos dentro do Partido. Tendo presente que o princípio dum Partido Marxista-Leninista assenta não somente na sua força numérica, mas sobretudo na qualidade dos seus membros, os Partidos Comunistas e Operários dedicam constante atenção à pureza das suas fileiras e dão passos no sentido de elevar cada vez mais o título e significado de membro do Partido.

Cada membro do Partido deve ser um activo e insubornável lutador para levar à prática as decisões partidárias.

Os Partidos Comunistas e Operários progrediram na sua principal tarefa da hora presente — a luta pela paz; contra os planos agressivos do imperialismo dos Estados Unidos, para a proibição das armas atómicas. Nos países capitalistas, esta luta está estreitamente ligada com a luta por um progresso radical no nível de vida das massas populares, pela Independência nacional e a libertação do domínio colonial. O factor decisivo no cumprimento desta tarefa é a unidade da classe operária, a qual é a base para a utilização de todas as forças nacionais e patrióticas. «A força da classe operária», escreveu Lênine, «é a sua organização. O proletariado nada é sem a organização das massas. Porém, é muito poderoso se está organizado». Lênine acentuou que não há salvação para os trabalhadores sem a unidade de acção. A nobre tarefa dos Partidos Comunistas e Operários nos países capitalistas é forjar a unidade da classe operária.

A realização desta tarefa está retardada pelos elementos sectários em alguns partidos. Estes elementos, como foi salientado nos Congressos dos Partidos Comunistas da Bélgica e da Alemanha, entravam o estabelecimento da cooperação com os trabalhadores social-democratas e com os trabalhadores que pertencem a outros partidos ou organizações sindicais. Lênine criticou impiedosamente todas as manifestações de sectarismo e demonstrou que a força do Partido reside nos seus laços indestrutíveis com o povo e incitou os comunistas a trabalhar lá onde as massas se encontram.

Oportunistas de todas as marcas e feitios atacaram sempre com azedume o princípio do centralismo e combateram ferverosamente contra a disciplina de ferro dos Partidos Comunistas e Operários. Advogaram a «autonomia» anárquica que permitiria a existência dentro do Partido de organizações e grupos desligados das resoluções do Partido e que as não cumprissem. Todos os Partidos Comunistas e Operários se desenvolveram e tornaram mais fortes no decorrer da luta contra o oportunismo e os defensores do Social-Democratismo. Devemos salientar, contudo, que certos sobreviventes ainda não foram completamente ultrapassados e que ainda exercem uma influência nefasta na actividade dos Partidos Comunistas e Operários, inclusive dentro dos países de democracia popular.

O centralismo, tal como é aplicado pelos partidos Marxistas-Leninistas, é um centralismo democrático. Significa, como Lênine ensinou, que toda a activida-

dá do Partido é conduzido, directamente ou através de representantes seus, por todos os membros do Partido sem excepção e da mesma forma; todos os camaradas dirigentes e todos os organismos do Partido são eleitos, devem dar contas da sua actividade e podem ser substituídos.

O objectivo da democracia interna do Partido é encorajar a iniciativa das massas do Partido, fomentar a sua actividade e elevar a sua consciência, chamá-las ao trabalho dirigente do Partido, fortalecer a unidade e a disciplina do Partido. O Partido poderá cumprir tanto mais facilmente as suas tarefas quanto mais cada célula, secção, federação e cada membro do Partido desenvolverem maior actividade.

O cumprimento rigoroso do limite de tempo estabelecido nos Estatutos para serem prestadas contas do trabalho realizado e eleger os organismos do Partido é muito importante para o desenvolvimento da vida interna do Partido. Isto permite aos membros do Partido verificar e controlar a actividade dos seus dirigentes, criticar as suas falhas e promover novos quadros em pleno ascenso.

Escusado será dizer que o princípio da eleição dos organismos dirigentes só é regularmente aplicado naqueles Partidos Comunistas e Operários que trabalham na legalidade. Os Partidos Comunistas e Operários que trabalham na clandestinidade são muitas vezes forçados, com o objectivo de defenderem os seus quadros, a exercer rigoroso segredo e aplicar o sistema da cooptação.

O democracismo dos Partidos Marxistas-Leninistas encontra a sua expressão na autonomia das organizações do Partido e na solução dos problemas locais. Naturalmente que estas decisões têm de estar de acordo com a linha do Partido e não em contradição com ela. Isto permite a cada organização do Partido desenvolver plenamente a sua iniciativa criadora e desenvolver a sua actividade, para procurar e encontrar os caminhos e as formas de levar à prática com sucesso muitas tarefas urgentes.

Um testemunho vivo da larga democracia interna do Partido, tal como é praticada pelos Partidos Comunistas e Operários, é o princípio da direcção colectiva — princípio supremo de direcção do Partido que mais poderosamente evidencia o seu papel e o seu centro dirigente, que encoraja por todas as formas a actividade criadora das massas do Partido. O princípio da direcção colectiva está sendo aplicado numa escala cada vez maior na actividade de todos os Partidos Comunistas e Operários. A confiança do Partido ou de quaisquer das suas organizações na experi-

ência colectiva e na sabedoria colectiva dos membros do Partido na solução dos problemas que enfrentam, assegura a aprovação de decisões justas.

É um direito sagrado de todos os membros do Partido poderem participar numa discussão livre e larga dos problemas da orientação do Partido, quer quanto às organizações do Partido tomadas em separado, quer quanto ao Partido no seu conjunto. Foi salientado nos Congressos dos Partidos Comunistas e Operários que as reuniões de célula para explicar e discutir a orientação do Partido devem ser realizadas em todos os lados e serem objecto duma larga campanha. Isto ajuda a dar vida às células do Partido e permite lançá-las numa vida política activa, dando como resultado o revigoramento de todo o trabalho do Partido.

A democracia interna do Partido é a base do desenvolvimento da crítica e da auto-crítica, sobretudo da crítica vinda de baixo para cima. Os Partidos Marxistas-Leninistas criticam os seus erros e falhas arrojadamente e sem receio.

A crítica e a auto-crítica arrojadas e abertas são a prova mais viva da grande força dos Partidos Comunistas e Operários. Contudo, ainda há muito a fazer para tornar a crítica e a auto-crítica de facto o principal método de revelar e vencer os erros e falhas na organização de cada Partido, o principal método para forjar revolucionariamente cada membro do Partido.

A democracia interna deve ser aplicada de forma a prevenir qualquer tentativa duma minoria insignificante para impor a sua vontade à esmagadora maioria do Partido, de forma a evitar qualquer tentativa para formar grupos fraccionistas que socavem a unidade do Partido, qualquer tentativa para dividir o Partido. Esta é a razão porque os Estatutos dos Partidos Comunistas e Operários estabelecem medidas tendentes a defenderem o Partido de aplicações erradas de democracia interna por elementos anti-Partido. «... A democracia interna do Partido», disse J.V. Stáline, «é necessária, não para enfraquecer e quebrar a disciplina proletária dentro do Partido, mas sim para a fortalecer e consolidar».

Para terminar, devemos dizer que o princípio Leninista do centralismo democrático é a sólida base da estrutura orgânica do Partido de novo tipo. A consequente introdução e aplicação dos princípios Leninistas da vida do Partido são a garantia do contínuo fortalecimento de todos os Partidos Comunistas e Operários.

ALGUNS ASPECTOS DE ORIENTAÇÃO NA LUTA DOS OPERÁRIOS TÊXTEIS DO NORTE CONTRA A "CAMPAINHA DE PRODUTIVIDADE"

por **ANDRÉ**

As lutas travadas nos meses de Fevereiro, Março, Maio e Dezembro de 1954 pelos operários têxteis das fábricas Aliança (Giesta — arredores do Porto), Sampaio & Ferreira (Riba d'Ave), Ferreira & Irmãos (Vila do Conde), dos «Ingleses» (Porto) e da «Cuca» e «Fundição» (Vizela) representam uma importantíssima contribuição para o alargamento e reforçamento da unidade da classe operária no Norte e à escala nacional. Elas constituíram uma vitória para os operários têxteis. Elas constituíram igualmente uma grande vitória para o nosso Partido.

Enfrentando a repressão mais feroz, as prisões e a ocupação das fábricas por agentes da PIDE e por forças da GNR, as paralizações em massa nas fábricas Aliança e Sampaio & Ferreira (onde trabalham 2.000 operários) e a marcha de 800 operárias e operários da Fábrica Ferreira & Irmãos pelas ruas de Vila do Conde; a greve de 1.600 operárias e operários da fábrica dos «Ingleses» e a greve de 14 dias dos operários da secção do tnelagem das fábricas «Cuca» e «Fundição», constituem riquíssimos exemplos para toda a luta do proletariado e do povo português em geral.

Na maioria destas empresas, o patronato e o fascismo foram obrigados a recuar. Os operários não só viram satisfeitas todas as suas reclamações, como ainda foram absolvidas as operárias que o patronato e o fascismo pretendiam condenar para tentar impedir a continuidade da luta contra a «cam-

panha da produtividade».

Ao mesmo tempo que estas lutas ratificaram nos operários a consciência da sua própria força, mostraram-lhes claramente como é possível deter a exploração desenfreada e fazer recuar o patronato e o fascismo, mesmo com a intervenção das forças repressivas. A intervenção destas, do INT e dos tribunais fascistas na defesa da «campanha da produtividade» e ao lado do patronato — e, no caso dos «Ingleses», ao lado de patrões estrangeiros — pôs mais uma vez a descoberto o papel do governo como inimigo do povo e laço dos imperialistas anglo-americanos.

O desencantamento provocado pelos baixos salários, pela redução dos dias de trabalho, pela falta de assistência, pela perspectiva de despedimentos e do aumento de esforço físico com a «campanha da produtividade», estende-se a toda a indústria.

A disposição das massas nestas lutas e as vitórias alcançadas revelam que é possível intensificar a luta para impedir a aplicação dos novos métodos americanos de exploração.

Para consolidarmos as vitórias alcançadas, para tirarmos, destas, experiências para o nosso trabalho, reparemos algumas deficiências verificadas, ligadas a alguns problemas de orientação.

1.º Problema: O sectarismo

As lutas dos operários têxteis puseram a ante-

significado das afirmações de alguns camaradas e organizações do Partido que nos diziam não existir ambiente de luta, que as mulheres só pensavam na Igreja e os homens na bola. Tais afirmações — que são manifestações de sectarismo — são incompreensões sérias no referente a ligação com as massas, representam o desconhecimento das suas reais aspirações e disposições de luta e a sua falta de confiança nas massas.

Foram a falta de ligação e confiança nas massas e o desconhecimento das suas verdadeiras aspirações e disposições que levaram o nosso Partido a não desempenhar o papel que se impunha na luta na fábrica Ferreira & Irmãos de Vila do Conde. Foram as massas quem exigiu, e muito justamente, os 6 dias de trabalho para todos, apesar de esta não ser a opinião e orientação do Partido nessa altura.

Numa fábrica, após a distribuição dum manifesto do Partido, quando alguns operários, dispostos a lançarem-se na luta, gritaram: *Quem é que dá a voz?* o Partido não apareceu como era necessário que aparecesse.

Foi ainda o sectarismo que impediu que a luta dos operários dos «Inglêses» se estendesse a outras empresas têxteis, como «Senhora da Hora», «Fibra», «Avenida» e até metalúrgicas como a «Brindley», donde os operários saíram em seu auxílio, gritando «*Foral! Foral!*», quando a PIDE procurava obrigar as operárias a trabalhar.

Na fábrica «Avenida», quando no dia 11, às 8 horas, os operários se dispunham a entrar para o trabalho, encontrando a fábrica fechada, concentraram-se junto dos portões, protestaram, procuraram abri-los e, apesar da intervenção da PIDE, não ardearam pé enquanto a fábrica não foi aberta.

Outros exemplos que põem bem em evidência a disposição das massas e que nos mostram haver condições para estender a luta dum a outras empresas, são-nos dados pelas operárias da fábrica «Arecosa» (1.000) que se dispunham a marchar, em massa, até à fábrica «Aliança» em apoio das suas companheiras e pelos operários da fábrica «Fundição» que foram para a greve de 14 dias por solidariedade com os operários da fábrica da «Cuca».

Todos estes exemplos mostram bem que as manifestações sectárias têm impedido uma maior ligação com as massas, uma maior e mais vasta movimentação e unidade dos operários e, nalguns casos, contribuído para que o Partido não caminha à frente dos movimentos, mas na sua reataguarda, como aconteceu na luta das operárias da fábrica «Aliança» e na greve de 14 dias dos operários de tecelagem da «Cuca» e «Fundição».

2.º Problema: Unidade e organização

A experiência ensina-nos que a condução dum movimento exige a existência de organismos capazes de acompanhar as massas e as dirigir em todas as fases da luta. A falta de organização num movimento pode conduzir à quebra da unidade e à vitória do patronato e do fascismo.

Foi o que se verificou na fábrica Sampaio & Ferreira: por falta de uma comissão de unidade, os operários não conseguiram tudo o que se impunha obter do patronato; na fábrica Ferreira & Irmãos, onde, por falta de uma comissão, a luta na empresa não foi até ao ponto que devia ir e, no Sindicato, apesar da concentração de 800 operários, a princípio não aparecia nenhum a manifestar as suas reclamações e depois, ao colocá-las, revelaram hesitações e vacilações.

Foi ainda o que aconteceu nas fábricas da «Cuca» e «Fundição», onde também a ausência de um organismo que orientasse a luta dificultou arrastar outras empresas à luta e impediu uma maior vitória sobre o patronato.

Na organização dos operários dos «Inglêses» a experiência demonstrou a falta de atenção à evolução da própria luta, às modificações que se foram operando e à necessidade de acompanhar estas modificações com medidas de organização adequadas.

Declarada a greve na secção de tecelagem, o organismo dirigente foi uma comissão, eleita pelas operárias daquela secção, que assegurou a ligação com as operárias e uma correcta orientação do movimento. Mas, quando o movimento entrou na fase superior, quando a greve alastrou à maioria das secções, quando a comissão da tecelagem foi presa e a fábrica encerrada, não se soube criar um organismo adequado, neste caso um comité de greve,

que assegurasse a ligação com as massas e a continuidade da direcção do movimento. E, assim, perdeu-se o contacto com as massas, não se deu continuidade ao movimento, exigindo a libertação imediata dos presos e trabalho para todos os que iam sendo postos em liberdade, incluindo as operárias da comissão que mais tarde foram postas em liberdade sob fiança.

A falta da existência dum comité de greve explica também que o movimento se não tivesse estendido a outras empresas e a ausência dum comissão de solidariedade que desenvolvesse um trabalho de assistência aos operários presos e suas famílias.

3.º Problema: O principal campo de batalha é a empresa

O principal campo de batalha dos operários pelas suas reivindicações é a empresa. Aqui está o explorador; aqui os operários estão mais junto uns dos outros. A luta junto do patronato é a única forma de manter permanentemente vivo o espírito de luta das massas e de cimentar a unidade de acção entre estas e a sua Comissão de Unidade.

Entretanto, nas lutas da classe têxtil no Norte, tem aparecido um desvio perigoso que consiste em canalizar a luta reivindicativa sómente para o Sindicato e o I.N.T.

A utilização do Sindicato deve aparecer ligada à acção dos operários, em concentrações, apoiando as suas comissões, junto do patronato e não em substituição da luta junto deste.

4.º Problema: Alargar a organização do Partido

O nosso Partido tem colocado a orientação no sentido de se ligarem ao Partido os trabalhadores sérios e combativos que se têm destacado nas lutas de massas. Entretanto, nas lutas da têxtil não foram aproveitadas todas as perspectivas que se abriram a este respeito.

O recrutamento dos melhores filhos da classe têxtil é uma questão vital para o nosso Partido no Norte, para estender e fortalecer a organização do Partido e para ligá-lo cada vez mais às massas.

Para isso impõe-se:

a) — construir células de empresa onde elas ainda não existem e onde há condições para as constituir. Mas não basta que estejam constituídas, é necessário que vivam os problemas da empresa, que cada organismo de empresa conheça, em cada momento, as verdadeiras aspirações e disposições das massas;

b) — esclarecer os operários sobre a situação que o patronato e o salazarismo lhes está a criar com a «campanha da produtividade». Que o desemprego, a fome e a miséria tendem a aumentar. Mostrá-lhes, na base das últimas lutas, que a unidade e a luta organizada são as suas melhores armas para lutar contra a ofensiva do patronato, para evitarem mais fome e mais miséria;

c) — a constituição de Comissões de Unidade em todas as empresas, tomando em consideração as experiências destas e outras lutas e que a sorte dos movimentos depende, em parte decisiva, da boa ou má organização. Não esquecer que a maioria dos operários desta indústria é do sexo feminino e o papel que as mulheres têm desempenhado nestas e noutras lutas. Constituir, portanto, comissões femininas ou mistas, segundo o determinem as circunstâncias;

d) — ter em conta a situação da juventude, as suas aspirações e reivindicações próprias e o seu espírito combativo revelado em tantas e tantas lutas. Mobilizá-la para a luta contra a «campanha da produtividade», participando nas comissões de adultos ou constituindo comissões de jovens, conforme as circunstâncias o aconselhem;

e) — ter em conta que as Comissões de Unidade, ao mesmo tempo que lutam contra a «campanha da produtividade», não devem descurar a luta por aumento de salários, exigindo aumentos de acordo com o agravamento do custo da vida, a luta por assistência, etc;

f) — estarmos atentos à evolução dos movimentos, de forma a actualizarmos as palavras de ordem e a criarmos organismos apropriados, de acordo com as modificações que se forem operando nos movimentos.

Assim, criaremos condições para que o Partido caminha na vanguarda da luta do proletariado do Norte pelo Pão, pelo Trabalho, pela Democracia, pela Paz e pela Independência.

LIGUEMOS MAIS AS NOSSAS CÉLULAS DE EMPRESA AOS OPERÁRIOS NAS FÁBRICAS



por LUCAS

As lutas dos operários e camponeses crescem e desenvolvem-se dia a dia em todo o País em defesa da Paz, do Pão e pela Democracia.

Para impedir a Unidade crescente da classe operária nas fábricas e outros locais de trabalho à medida que as lutas se vão desenvolvendo, o fascismo, em colaboração com o patronato, continua a recorrer a todos os processos de intimidação e repressão no sentido de impedir o desencadeamento de novas lutas.

Entretanto, a classe operária, os camponeses e restantes massas trabalhadoras compreendem cada vez mais claramente que só da sua luta e da sua acção depende a melhoria das suas condições de vida e a sua libertação.

Para que a acção do Partido possa ajudar dum maneira mais efectiva a luta da classe operária, torna-se necessário vencer as deficiências dum trabalho sectário, ligando mais estreitamente às massas a actuação prática das células de empresa.

Por exemplo, numa empresa há vários meses que sob a orientação do Partido os operários vinham realizando reuniões, discutindo a necessidade de lutar pela melhoria das suas condições de vida, apresentando reivindicações e aprovando moções de Paz e contra a política de guerra do governo. Durante os períodos eleitorais da candidatura do Prof. Rui Luis Gomes e de deputados à Assembleia Nacional, esta célula desenvolveu uma actividade destacada na recolha de assinaturas e aprovando moções.

A actividade desenvolvida pela célula do Partido nesta empresa foi muito positiva, mas convém analisar e extrair também algumas deficiências verificadas na orientação do nosso trabalho. Verificou-se no desenrolar destas lutas que elas não foram desencadeadas como produto de uma ampla discussão da célula de empresa com os operários, mas sim a célula que apareceu quase isolada, orientando a luta junto do patronato, transformada em comissão ou nas reuniões de empresa, actuando dum maneira sectária.

Apercebendo-se da falta de uma sólida Unidade entre os operários mais destacados e o conjunto da classe, o patronato serviu-se dos

bufos e provocadores para ameaçar e caluniar os operários que mais se vinham destacando na luta, com o objectivo de quebrar a unidade, conseguindo afastar dela alguns trabalhadores menos esclarecidos e combativos.

Em resposta a esta provocação os nossos camaradas reagiram da forma mais inconveniente, pondo-se a discutir com os bufos e provocadores isolados dos restantes operários, acentuando-se, deste modo, as suspeitas que sobre eles a Pide e o patronato tinham, acerca das suas actividades, o que originou mais tarde a prisão de camaradas da célula e dalguns operários destacados.

Esta situação resultou porque a organização do Partido neste sector não teve em conta o agudizar da luta de classes e das dificuldades crescentes que afligem as massas, mercê da política de guerra e traição nacional do salazarismo.

Estes camaradas ainda não compreenderam qual a missão da célula do Partido na empresa. A célula é o elo de ligação e orientação entre todos os operários e a sua tarefa consiste em estudar a fundo as necessidades mais sentidas da sua classe, abrindo ampla discussão junto dos operários sobre os seus problemas, trabalhando para que todos participem nessa discussão, levando-os a lutar junto do patronato e do sindicato.

Não actuando desta forma, os nossos camaradas não reforçaram a sua organização, não recrutaram para o Partido novos militantes e simpatizantes combativos numa base mais ampla e saídas da própria luta.

Camaradas, saibamos rectificar os nossos erros, abrindo discussão junto dos operários e eliminando as nossas deficiências. Reforcemos as nossas células de empresa, expurgando-as do sectarismo, liguemo-nos mais às massas, abrindo debate de ideias sobre as dificuldades com que a classe operária luta sob o regime fascista. Abramos-lhes as portas e apontemos-lhes o caminho luminoso que só será conseguido através da luta unida e organizada de todo o nosso povo pela Paz, pelo Pão e por um Governo de Unidade Nacional.

A FORÇA DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA

ESTÁ NA DIRECÇÃO COLECTIVA

por AN TSE-YEN

A prolongada e intensa luta revolucionária do povo chinês, encabeçado pelo Partido Comunista da China, terminou com uma vitória de importância histórica universal. A revolução, dirigida pelo Partido, liquidou o domínio do imperialismo, do feudalismo e do capital burocrático num imenso país com uma população de 600 milhões de habitantes e conduziu à criação da República Popular da China.

No período que se seguiu à proclamação da República Popular da China realizou-se em todo o país a grande reforma agrária; o país entrou na fase da revolução socialista cuja missão consiste em levar a cabo de maneira gradual, durante um período relativamente largo de tempo, a industrialização socialista do país e em realizar ao mesmo tempo transformações socialistas na agricultura, na produção artesanal, na indústria e no comércio privados, quer dizer, o cumprimento das tarefas da edificação da sociedade socialista no país.

Nô decorrer dos três primeiros anos do período de transição, o nosso Partido conduziu o povo chinês pelo caminho da feliz realização de reformas demo-

crático-sociais, da restauração e continuo desenvolvimento da economia nacional e do reforçamento da defesa do país. Desde 1953 que a China passou da restauração económica ao desenvolvimento económico planificado e a transformação continua dos sectores não socialistas da economia nacional. Sob a justa direcção do Partido obtiveram-se consideráveis êxitos na edificação e transformação socialistas. A produção dos ramos fundamentais da indústria e da agricultura ultrapassou o nível mais alto do período anterior à libertação; melhoraram as condições de vida dos trabalhadores. Cresceram acentuadamente os efectivos do Partido que actualmente conta com mais de 6 milhões e meio de membros. Também se elevou notavelmente a consciência política dos comunistas e a combatividade do Partido.

O nosso Partido possui uma poderosa força vital; um dos factores mais importantes que garantem os continuos êxitos no seu trabalho é a nossa fidelidade ilimitada ao principio leninista da direcção co-

fectiva. A vitória do Partido Comunista da China é também uma vitória do princípio Leninista de direcção.

Desde o seu começo, o nosso Partido estruturou-se sobre a base deste importantíssimo princípio leninista, seguindo o exemplo do Partido Comunista da União Soviética. Assim, logo nas primeiras etapas da organização do Partido, o centralismo democrático converteu-se no princípio básico da estrutura orgânica do Partido. Tal como no P. C. U. S., a direcção colectiva é no nosso Partido o princípio supremo da direcção.

O nosso Partido sempre considerou que só se pode assegurar uma direcção acertada e a unidade do Partido, assim como o êxito da revolução chinesa, com a condição de que se observe cuidadosamente o princípio do centralismo democrático e que se desenvolva em todos os aspectos a actividade e a iniciativa dos militantes do Partido; com a condição de que o Partido Comunista da China, ao resolver todas as importantes questões que se lhe colocam, se apoie na experiência e na sabedoria colectivas dos membros do Partido e se aconselhe com eles.

A força do Partido Comunista da China reside em que a sua direcção é colectiva. O valor desta tese foi sublinhada muitas vezes tanto nas directrizes do Comité Central como nas obras do camarada Mao Tse Tung. Na Reunião ampliada do Bureau Político do C. C. do Partido Comunista da China, celebrada em 1935 em Tsunyi (provincia de Kwichow), formou-se uma nova direcção do Partido encabeçada pelo camarada Mao Tse Tung; desde então, o princípio da direcção colectiva consolidou-se ainda mais firmemente na vida do nosso Partido. O Comité Central publicou os seguintes documentos: em 1938, «Decisões acerca dos problemas da disciplina e dos princípios que regulam o trabalho das organizações do Partido em todos os escalões» e «Decisões acerca da disciplina e dos princípios que regulam o trabalho do Comité Central»; em 1941 «Decisões sobre a elevação do espirito do Partido»; em 1942, «Decisões sobre a direcção única nas bases de resistência aos invasores japoneses e sobre a regulamentação das relações entre as diferentes organizações»; em 1943, «Decisões sobre os métodos de direcção» (este documento foi escrito pelo camarada Mao Tse Tung e figura no tomo III das suas Obras escolhidas, sob o título «Sobre os métodos de direcção»). Em 1948, nas vésperas da vitória nacional na guerra de libertação, o Comité Central publicou as «Directrizes sobre a estrita observação das normas para as instruções e para prestar contas da gestão», «Decisões sobre o reforçamento do sistema dos Comités do Partido» e «Decisões sobre as normas para a convocação dos Congressos do Partido e das Conferências do Partido em todos os escalões». Em todas estas decisões e directrizes se destacava o princípio do carácter colectivo da direcção e se condenava a direcção individual. Estes documentos desempenharam um papel de extraordinária importância na intensificação do carácter colectivo da direcção do Partido. O Comité Central e os órgãos dirigentes da maioria das organizações locais do Partido aplicaram de forma consequente as referidas decisões e directrizes.

O camarada Mao Tse Tung definiu da seguinte maneira as tarefas da direcção colectiva do nosso Partido:

«Em toda a actividade prática do nosso Partido, a direcção correcta deve basear-se sempre no seguinte princípio: aprender com as massas e ensinar as massas. Isto quer dizer: somar as opiniões das massas (dispersas e sem sistema) e levá-las de novo (sintetizadas e sistematizadas como resultado do estudo) às

massas, difundir-las e explicá-las, fazer com que penetrem nas próprias massas para que estas as defendam e transformem em acção; ao mesmo tempo, comprovar na actividade das massas a justeza dessas ideias. Depois, é preciso juntar de novo as opiniões das massas e levá-las às massas para que estas as defendam, e assim infinitamente. Essas ideias serão cada vez mais justas, mais vitais, mais valiosas.»

Além disso, o camarada Mao Tse Tung disse: «Somar as opiniões das massas, levá-las de novo às massas para que estas as defendam e, assim, elaborar ideias directivas acertadas, eis o método fundamental de direcção.» («Em torno dos métodos de direcção»)

O que o camarada Mao Tse Tung explicou é o método de direcção colectiva, cuja eficácia foi comprovada pelo trabalho prático da direcção do nosso Partido. A aplicação deste método aproxima o Partido das massas, facilita a acção concordante entre a direcção e as massas, a fim de que a sabedoria popular possa cristalizar-se e converter-se em sabedoria da direcção.

A experiência acumulada pelo nosso Partido mostra que perante os dirigentes das organizações locais do Partido surgem, no decorrer do trabalho prático, novos problemas que desconhecem e sérias dificuldades. Se, em tais circunstâncias, estes dirigentes aplicam o método de direcção colectiva, se se aconselham com as massas — membros dos Comités do Partido, activistas e militantes de base —, se prestam ouvido atento aos conselhos e opiniões, se permitem aos camaradas expressar a sua opinião e indicar os caminhos para resolver os problemas e se aproveitam a sua experiência colectiva, aceitando tudo o que é justo e corresponde aos interesses do povo, poderão com a ajuda das massas vencer as dificuldades, adoptar decisões acertadas e resolver com êxito todos os problemas. A vida do nosso Partido demonstrou plenamente que os verdadeiros artifices são as massas, as quais sempre manifestam uma grande iniciativa, ao passo que alguns dirigentes actuam, com frequência, de maneira irrazoável e irreflectida.

O sistema de Comités no nosso Partido é um sistema de vital importância que assegura a direcção colectiva e impede o abuso do poder de certas pessoas. As normas em vigor no nosso Partido exigem que todos os seus Comités convoquem reuniões com regularidade. Todos os problemas importantes devem ser discutidos colectivamente nos Comités do Partido. Cada membro do Comité pode corrigir as opiniões dos outros e dar a conhecer a sua própria experiência. As decisões só devem adoptar-se depois de um minucioso estudo dos problemas e da sua discussão nos Comités do Partido. As vezes, os projectos das resoluções só são aprovados depois de feitas muitas emendas e aditamentos. Assim, portanto, as decisões do Partido são realmente colectivas e, por isso, mais completas e mais reais. Nenhuma decisão do Comité Central foi a obra de uma só pessoa; cada decisão reflecte a vontade colectiva. O nosso Partido nunca permitiu a ninguém resolver por si só questões importantes, visto que, de forma geral, a decisão concebida por uma só pessoa é unilateral e não foi completamente estudada.

A experiência do nosso Partido ensina-nos que uma verdadeira direcção colectiva impõe que as organizações do Partido estudem e solucionem as questões com a ajuda da crítica e da auto-crítica, sobretudo da crítica pela base. A essência e o objectivo da direcção colectiva consistem em evitar os defeitos e erros, fazendo a troca das experiências e aplicando amplamente a crítica e a auto-crítica. A direcção colectiva nas organizações do Partido será uma frase-oca ou puro formalismo se não se empregar continuamente a crítica e a auto-crítica, se não se apoia na crítica pela base.

A direcção colectiva não afasta a responsabilidade pessoal. Pelo contrário, eleva a responsabilidade de cada pessoa perante o colectivo. Todos os membros das organizações do Partido devem assegurar o exacto cumprimento das decisões adoptadas como resultado da discussão colectiva. Os membros do Partido que julgam que a direcção colectiva diminui a sua responsabilidade interpretam erradamente a essência da direcção colectiva. A experiência do nosso Partido mostra que uma direcção acertada só é possível quando a direcção colectiva é acompanhada da responsabilidade pessoal. A direcção colectiva deve ter como base o elevado sentido de responsabilidade dos membros do Partido.

Para assegurar a direcção colectiva também tem grande importância a prática que consiste em pedir instruções e dar contas do trabalho feito. Em 1948, o Partido adoptou decisões complementares que obrigam os seus organismos a aplicar rigorosamente as normas estabelecidas a este respeito. Os Comités inferiores do Partido devem informar com regularidade sobre o seu trabalho os Comités superiores e pedir-lhes as correspondentes instruções. Nos casos em que é preciso enfrentar importantes problemas políticos, devem-se pedir antecipadamente instruções ao Comité Central do Partido e informá-lo depois sobre as medidas adoptadas. Esta prática proporcionou nos últimos anos magníficos resultados: graças a ela, os órgãos do Partido em todos os escalões mantêm estreito contacto entre si, os Comités superiores estão ao corrente de como vão as coisas nas organizações inferiores e os Comités dos escalões inferiores recebem na altura devida as instruções dos Comités superiores. Portanto, reduzem-se ao mínimo e evitam-se possíveis erros. Além disto, esta prática medida permite elevar a importância da direcção colectiva mediante a oportuna troca de experiências.

Graças à direcção do Comité Central, encabeçada pelo camarada Mao Tse Tung, a imensa maioria das organizações e dos quadros dirigentes do Partido observam com rigor o princípio de direcção colectiva. O estilo do trabalho e o método de direcção do C.C. do Partido mostram claramente que o Comité Central é um conjunto de dirigentes que actua de maneira colectiva.

* *

No entanto, seria errado dizer que no problema da direcção colectiva tudo marcha bem no nosso Partido. Também seria errado dizer que a direcção colectiva se exerce irrepreensivelmente em todas as organizações do Partido. Na realidade, a situação deixa muito a desejar. Nas organizações do Partido existem ainda muitos defeitos e erros, e às vezes de gravidade, que se manifestam fundamentalmente em que os quadros dirigentes de algumas organizações violam o princípio de direcção colectiva e substituem-no pelo método de direcção individual. Depois da vitória da revolução, manifestou-se em alguns quadros dirigentes uma perigosa presunção e sobiram-lhes os êxitos à cabeça. Esqueceram que a modestia e o espírito de auto-crítica devem ser qualidades essenciais do comunista. Criaram em torno de si um ambiente de culto pessoal e de adulação. Inclusive, em certos casos, procuram colocar-se acima do Partido e têm tendência para considerar como coisa sua o distrito ou a secção que dirigem. Além disso, alguns quadros dirigentes das organizações do Partido, em vez de examinarem, em comum as questões importantes relacionadas com a política e com a vida das amplas massas, adoptam decisões individualmente. Existem também organizações que não convocam com regularidade assembleias e só celebram reuniões não oficiais, dirigem circulares e, ao resolver os problemas, praticam o sistema da consulta de opiniões em vez da discussão viva. Há ainda muitas organizações que convocam a miúdo assembleias sem a necessária preparação, ou reuniões onde, em vez da discussão e estudo colectivo dos problemas, os membros do Partido têm de escutar extensos informes do secretário do Comité. É bem evidente que, em tais condições, os militantes não têm possibilidade de dar a sua opinião e trocar experiências. Em consequência disto, não pode exercer-se devidamente a direcção colectiva.

Em Fevereiro deste ano celebrou-se o IV.º Pleno do Comité Central do Partido Comunista da China que submete a uma viva crítica os defeitos e erros observados no exercício da direcção colectiva, no Partido. O Pleno sublinhou uma vez mais o grande significado da direcção colectiva e chamou todos os membros do Partido a observarem rigorosamente o princípio do centralismo democrático e da direcção colectiva, a lutar resolutamente contra a tendência para se fecharem no marco estreito dum departamento ou sector determinado e contra o individualismo, a pôr fim aos casos em que os quadros dirigentes consideram como uma coisa sua o distrito ou secção que têm a seu cargo, se colocam acima do Partido e exageram o papel do indivíduo, assim como a combater a presunção e o culto da personalidade. Depois do Pleno, o Comité Central encarregou todos os organismos de direcção do Partido de analisar com o maior cuidado as decisões do IV.º Pleno e de criticarem no decorrer da discussão as deficiências da sua própria actividade, analisando especialmente os problemas da unidade do Partido e da direcção colectiva. Há pouco, todos os organismos de direcção do Partido celebraram reuniões em que se leram e explicaram as decisões do IV.º Pleno do Comité Central do Partido. Nestas reuniões foram examinadas com espírito crítico e auto-crítico as questões relativas à unidade do Partido e à direcção colectiva, foram criticados os defeitos e assinaladas medidas para melhorar o trabalho.

Com o objectivo de assegurar que todas as direcções do Partido apliquem o princípio da direcção colectiva, todos os comités regionais, concelhos, urbanos e de distrito, assim como os comités do Partido nas fábricas e nas minas, analisam e discutem agora amplamente a questão da direcção colectiva. Isto ajudou já muitos quadros dirigentes a compreender mais a fundo a importância da direcção colectiva e ainda elevou mais o papel da direcção colectiva em muitas organizações do Partido. Muitos dos quadros dirigentes que se tinham habituado a decidir pessoalmente as questões apresentam agora todos os assuntos importantes ao exame da assembleia do Partido que adopta sobre tais assuntos decisões acertadas. Dantes, alguns membros dos Comités não prestavam a devida atenção ao trabalho das organizações do Partido no seu conjunto. Actualmente, é muito mais elevada a sua noção de responsabilidade pelo trabalho dos Comités do Partido.

* *

A experiência do Partido mostra que para aplicar o princípio da direcção colectiva devemos lutar sem descanso contra os fenómenos contrários ao referido princípio. É sabido que toda a violação deste princípio conduz irremediavelmente a sérios erros no trabalho e à burocratização da direcção nas organizações do Partido. Isto não pode senão prejudicar a causa do Partido.

A experiência do Partido mostra que a direcção colectiva é o único método adequado de direcção do Partido. Só quando se exerce a direcção colectiva as organizações do Partido podem melhorar incessantemente o seu trabalho, despertar mais ainda a iniciativa dos militantes e aplicar justamente e linha política e de organização do Partido. Só uma tal direcção permite às organizações do Partido liquidar a tempo toda a tendência para se desviar da linha do Partido, impedir a actividade dos arrivistas políticos e dos elementos inimigos e liquidar os defeitos e erros do trabalho. Só essa direcção pode assegurar a unidade do Partido e a sua coesão e reforçar a combatividade das organizações do Partido. A rigorosa observância, por parte das organizações do Partido, do princípio da direcção colectiva é um dos factores decisivos da feliz edificação da sociedade socialista no nosso país. Aplicando o princípio da direcção colectiva, o Partido Comunista da China venceu sempre e vence hoje as dificuldades que se erguem no seu caminho e obteve vitórias na revolução e na frente da construção.

A direcção colectiva, força formidável do nosso Partido, assegurou-lhe a vitória e permitirá conquistar outras novas e mais importantes no decorrer da edificação socialista.

A democracia dentro do Partido intensifica a actividade das massas do Partido, garante a unidade do mesmo, fortalece a disciplina proletária consciente no seu seio.

A VIDA DOS PARTIDOS IRMÃOS

O IV.º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Segundo informa o jornal «Voz Operária», de 7 a 11 de Novembro realizou-se na clandestinidade o IV.º Congresso do Partido Comunista do Brasil, que constituiu um acontecimento notável na vida do país e teve vasta repercussão entre a classe operária e todo o povo do Brasil.

A ordem do dia do Congresso compreendia os seguintes pontos: Informe sobre a direcção do C.C. do Partido Comunista do Brasil; Programa do Partido Comunista do Brasil; modificações nos Estatutos do Partido Comunista do Brasil; eleição dos órgãos centrais de direcção do Partido.

O IV.º Congresso do Partido Comunista do Brasil, convocado por decisão do Pleno do C.C. realizado em Dezembro de 1953, foi precedido de reuniões e conferências de todas as organizações do Partido que discutiram os projectos do Programa e de novos Estatutos. As reuniões e conferências assistiram quase todos os membros do Partido. O programa e os Estatutos também foram largamente discutidos nas páginas da imprensa do Partido. Ambos os documentos foram aprovados unânimemente pelas organizações do Partido.

A discussão, realizada na base dos princípios democráticos, contribuiu em grande parte para fortalecer a unidade e a combatividade nas fileiras do Partido. Os delegados ao Congresso foram eleitos em Conferências regionais.

Assistiram ao Congresso representantes dos Partidos Comunistas irmãos de alguns países. O Congresso acolheu com clamorosos e prolongados aplausos a mensagem de saudação do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. O Congresso recebeu também saudações dos Partidos Comunistas e Operários da República Popular da China, países europeus de Democracia Popular, França, Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Japão, Índia e outros países.

Foram calorosamente aplaudidas as saudações dos Partidos Comunistas da Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, México, Venezuela, Colômbia e outros países da América Latina.

No Informe sobre a direcção do C.C., o camarada Luís Carlos Prestes, Secretário geral do Partido Comunista do Brasil, fez uma análise da situação internacional e interior do país e assinalou a força crescente do campo da paz, encabeçado pela União Soviética. Denunciou o papel que desempenhou o imperialismo ianque no golpe militar de 24 de Agosto, devido ao qual foi derrubado o Governo de Vargas, golpe com o qual a reacção pretendeu jugular o movimento operário e democrático no Brasil.

Ao apresentar o Programa do Partido, o camarada Luís Carlos Prestes fez uma análise das suas teses fundamentais, que se sintetizam no seguinte: concentrar o golpe fundamental contra o imperialismo ianque; distribuição gratuita das terras dos latifundiários aos camponeses na base da propriedade privada; garantir a propriedade, os capitais e as empresas da burguesia brasileira, confiscando unicamente os capitais e empresas dos grandes capitalistas que trai-

çõem os interesses da nação e que estejam ligados aos imperialistas norte-americanos; luta por um Estado democrático-popular e por um Governo democrático-popular de libertação nacional.

Referindo-se às tarefas imediatas que surgem com a aplicação do Programa do Partido, o camarada Prestes destacou a tarefa inadiável e urgente de criar, ampliar e fortalecer a frente democrática de libertação nacional, a força social chamada a conduzir até a um fim vitorioso a revolução anti-imperialista e agrária anti-feudal no Brasil. A base desta ampla frente única deve ser a aliança da classe operária e dos camponeses que, sob a direcção do proletariado, unirá as forças fundamentais e decisivas do povo brasileiro. Para criar a frente democrática de libertação nacional é mister organizar a luta de todo o povo em defesa das liberdades e da constituição, contra o terror fascista, desmascarar e derrubar o governo de latifundiários e grandes capitalistas posto ao serviço dos Estados Unidos.

Na parte final do seu informe, o Secretário Geral do Partido Comunista do Brasil fez um balanço, baseado na crítica e auto-crítica, da actividade do Partido desde o 3.º Congresso e analisou a raiz ideológica dos erros cometidos pelo Partido Comunista. O camarada Prestes enumerou as medidas necessárias para fortalecer qualitativa e quantitativamente o Partido; assegurar o crescimento sistemático das suas fileiras; criar organizações do Partido, principalmente nas grandes empresas; concentrar a atenção no desenvolvimento qualitativo dos quadros; melhorar a agitação e a propaganda, sobretudo através da imprensa; lutar contra as correntes ideológicas estranhas ao Partido e dirigir toda a actividade no sentido do Partido assimilar e pôr em prática os seus novos Estatutos.

O Congresso aprovou por unanimidade o Informe do camarada Prestes.

A seguir foram ouvidos o informe do camarada Diógenes Arruda, Secretário do Comité Central do PCB, sobre o Programa do Partido, e o informe do camarada João Amazonas, Secretário do C.C. do PCB, sobre as modificações nos Estatutos. Ambos os informes foram aprovados pelos delegados ao Congresso.

O IV.º Congresso aprovou por unanimidade o Programa e os Estatutos do Partido Comunista do Brasil e elegeu o novo Comité Central. Na Reunião celebrada em seguida, o novo Comité Central elegeu Secretário Geral do PCB o camarada Luís Carlos Prestes. Elegeu também a Presidência e o Secretariado do Comité Central.

No meio de tempestuosos aplausos resolveu-se enviar uma mensagem de saudação do IV.º Congresso do PCB ao CC do Partido Comunista da União Soviética. Na mensagem diz-se que os comunistas do Brasil, reunidos no seu IV.º Congresso, acolheram com grande entusiasmo a saudação do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, em cujas palavras encontram um novo e poderoso estímulo para a sua luta pela paz, a liberdade e a independência nacional.

O TRABALHO DOS COMUNISTAS NOS SINDICATOS

Contra as revivências do sectarismo, contra todos os esquerdismos que afastam as massas e os próprios militantes da luta e dos SN, devemos continuar firmemente o nosso caminho, devemos prosseguir firmemente na nossa orientação, cuja justeza foi certificada pela experiência da luta. Devemos continuar lutando para que as Comissões operárias se dirijam aos SN, exponham as direcções sindicais as reivindicações dos trabalhadores e exijam a sua intervenção na sua defesa. Devemos continuar lutando para fazer grandes concentrações de massas e assembleias nos SN. Devemos continuar lutando para a formação de novos SN, assim como de secções. Devemos continuar atraindo às lutas de massas os dirigentes sindicais honestos, alguns dos quais, ainda que ontem enganados pelo fascismo, podem hoje acompanhar as massas trabalhadoras. Devemos continuar desmascarando implacavelmente os dirigentes sindicais fascistas e lutando para os expulsar das direcções dos SN. Devemos continuar lutando para levar às direcções dos SN homens e mulheres honestos, fieis à classe, sejam quais forem as suas convicções políticas e religiosas. É este o caminho justo, camaradas, e por ele devemos continuar orientando as classes trabalhadoras.

(ÁLVARO CUNHAL — INFORME DE ORGANIZAÇÃO AO II.º CONGRESSO ILEGAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS)